

**Aires B.  
Henriques**

# **O Castelo de Uzbert vigia do Reino**



Museu da República  
e Maçonaria

PEDRÓGÃO GRANDE | 2023

Título: O Castelo de Uzbert, vigia do Reino

Autor: Aires B. Henriques

Prefácio: Prof. Doutor José d'Encarnação

Concepção e arranjo da capa: Aires B. Henriques e Gonçalo Fernandes

Imagem da capa: Cunhal em granito e face principal da torre (Séc. XII-XIV) do castelo de Pedrógão Grande. Foto do autor.

Colecção: *História & Memória* – 43

Edição:


Museu da República e Maçonaria / "Villa Isaura"

Rua da Capela, 131 - Troviscais \* 3270-154 Pedrógão Grande

Telem.: 919856297

E-mail: geral@avillaisaura.com

© Aires Barata Henriques

 Hora de ler

© para a produção

Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita

Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

E-mail: horadelercf@gmail.com

Tlm: 966739440

Revisão e coordenação editorial: autor e Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol - www.artipol.net

1.<sup>a</sup> edição: Outubro 2023

Edição 1205/23

Depósito Legal: 521593/23

ISBN: 978-989-9128-45-3

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## PREFÁCIO

*pelo Prof. Doutor José d'Encarnação<sup>1</sup>*

### **Um novo olhar sobre Pedrógão Grande**

Há terras que passam décadas e décadas esquecidas. Levam os seus habitantes, o mais serenamente que podem, o seu ramerrão quotidiano; as instituições vão funcionando aos altos e baixos, mas sem peripécias de monta; sucedem-se os nascimentos, os matrimónios e acompanham-se, saudosamente, os mortos ao cemitério...

Um evento fora do comum, de vez em quando, poderá ser susceptível de um brado – de alerta ou de regozijo – mas, depois, as aves continuam nos seus gorjeios, as águas vão deslizando por onde podem, os avós revêem-se nos netos que lhes prolongam o existir...

Para mim, Pedrógão Grande começou por ser a terra de Isolina Alves Santos (1921-2014), «pastora virgem de letras», como lhe chamou o Pro-

---

<sup>1</sup> Prof. Doutor José d'Encarnação: catedrático de História e Arqueologia, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que se notabilizou no domínio da Epigrafia Romana, em que defendeu a sua dissertação de licenciatura (1970) e a sua tese de doutoramento (1984). É natural de S. Brás de Alportel (1944), membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e académico de mérito da Academia Portuguesa da História.

## PREFÁCIO

*pelo Prof. Doutor José d'Encarnação<sup>1</sup>*

### **Um novo olhar sobre Pedrógão Grande**

Há terras que passam décadas e décadas esquecidas. Levam os seus habitantes, o mais serenamente que podem, o seu ramerrão quotidiano; as instituições vão funcionando aos altos e baixos, mas sem peripécias de monta; sucedem-se os nascimentos, os matrimónios e acompanham-se, saudosamente, os mortos ao cemitério...

Um evento fora do comum, de vez em quando, poderá ser susceptível de um brado – de alerta ou de regozijo – mas, depois, as aves continuam nos seus gorjeios, as águas vão deslizando por onde podem, os avós revêem-se nos netos que lhes prolongam o existir...

Para mim, Pedrógão Grande começou por ser a terra de Isolina Alves Santos (1921-2014), «pastora virgem de letras», como lhe chamou o Pro-

---

<sup>1</sup> Prof. Doutor José d'Encarnação: catedrático de História e Arqueologia, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que se notabilizou no domínio da Epigrafia Romana, em que defendeu a sua dissertação de licenciatura (1970) e a sua tese de doutoramento (1984). É natural de S. Brás de Alportel (1944), membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e académico de mérito da Academia Portuguesa da História.

fessor Ernesto Guerra da Cal, que «desde menina e moça» «nunca deixou de poetar», nascida na Maranhão. Dela publicou a Associação Cultural de Cascais, com o patrocínio da Junta de Freguesia de Alcabideche, onde viveu a maior parte da sua vida, quatro livros de poemas. Um deles, *Percorri a Minha Terra*, de 1993, teve também o apoio da Câmara Municipal (de Pedrógão Grande) e aqui foi apresentado, a 24 de Julho de 1994, no âmbito das cerimónias de inauguração da nova biblioteca municipal, com a presença do Secretário de Estado da Cultura, José Manuel Frexes.

Recordo que, nessa altura, Manuel Henriques Coelho, o presidente da autarquia, me mostrou orgulhosamente o foral, encadernado – anotei eu – em páginas de pergaminho de um antigo missal com pautas de canto gregoriano, se não erro! E o almoço na encosta para a barragem mostrou como, na realidade, mesmo do ponto de vista paisagístico, Pedrógão merecia lugar de destaque!

Desse livro de Isolina, com vários poemas dedicados a Pedrógão, recorto uma quadra que bem se insere nesta beleza de paisagem, por um lado, e, por outro, no objectivo primeiro deste livro de Aires Henriques: a reabilitação das memórias:

*Naquela azenha velhinha  
Em tempos que já lá vão  
Era moída a farinha  
Que fazia o nosso pão.*

Vieram quase ao mesmo tempo o saudoso José Costa Santos – que de forma trágica e tão cedo nos deixou, quando tanto dele havia ainda a esperar em prol de Pedrógão – meu aluno, como o foi também António José Quinteira, ambos citados neste livro, por não terem deixado por mãos alheias o estudo do património arqueológico pedroguense.

Por aí, aliás, poderíamos começar. Decerto da época pré-histórica ainda se irão encontrar vestígios; contudo, não só o forno de cerâmica (a reabilitar!) como a ponte mostram como tem toda a razão de ser a proposta de inserir Pedrógão numa rota de sítios romanos que englobe Santiago da Guarda, Conímbriga e Rabaçal.

Preconiza o autor a concretização de vários museus, um dos quais de âmbito arqueológico. Mas fala também de um que recorde os tempos republicanos e o papel que Pedrógão desempenhou nesses primórdios do século XX; e de um outro que não esqueça a comunidade judaica que por aqui viveu e a actividade da Maçonaria. Porventura se poderá agregar tudo isso em salas ou mesmo polos de um Museu de História Local (ou o Museu de Pedrógão), fruto, naturalmente, da iniciativa camarária em consonância com toda a população – que o povo, quando vê que as suas ‘coisas’ são salvaguardadas, apreciadas e mostradas, mais sua sente a terra onde está. Gizar uma candidatura a instâncias superiores – regionais, nacionais ou europeias – que abarque todas essas vertentes históricas e patrimoniais é tarefa que o autor deste livro insistentemente advoga nas suas páginas. Que haja, pois, vontade política e se logrem obter as necessárias plataformas de entendimento.

Não posso, porém, deixar de salientar o que é, na verdade, de maior registo no testemunho de Aires Henriques: a sua convicção de que se encontraram os fundamentos do castelo, cuja construção el-rei D. Afonso Henriques acordara com o franco Uzbert, a fim de reforçar o sistema defensivo meridional do Condado Portucalense, em linha com os castelos de Penela, Lousã e Miranda do Corvo. Ainda que «modesta atalaia roqueira para o recolhimento e defesa das suas tropas, à semelhança do primitivo castelejo de Penela», o certo é que importa agora pôr em evidência o que já se encontrou, na medida em que pode perfeitamente inserir-se na «estratégia de Afonso Henriques para avançar com segurança

até Santarém e Lisboa, desempenhando aí Pedrógão Grande e o alcantilado vale do Zêzere os limites de um Condado Portucalense em expansão, vigiado a partir dos cumes da Serra da Lousã e de apropriado dispositivo de maior proximidade e vigilância nas suas margens».

Esse propósito do autor, que encontra fundamento no que já se descobriu e nas referências antigas, só carece, agora, de apoio para mais convictamente ser posto em evidência, não sendo de menosprezar, entre outros, o facto de, em publicação recente (*Ourique – O Lugar Controverso*, Livraria Figueirinhas, Porto, 2016), o Professor Jorge de Alarcão se haver inclinado a considerar como hipótese mais viável para a localização da batalha de Ourique a região de Leiria, podendo mesmo imaginar-se essa batalha como «um episódio da reconquista de Leiria». Os argumentos aduzidos, ainda que não ‘decisivos’, como o próprio professor concede, devem doravante ser tidos em consideração, ou seja, «a hipótese de a batalha de Ourique se ter travado perto de Leiria é pelo menos tão verosímil quanto a de o prélio ter tido lugar no Baixo Alentejo. Talvez seja mesmo mais verosímil». E acrescenta que a relevância dada à vitória poderá ter justificação no facto de, assim, Coimbra ter ficado mais imune aos ataques mouros e, daí, a assunção, por parte de Afonso, do título de rei, regressado a Coimbra e ovacionado após a refrega.

Estamos, pois, no caminho certo para recolocar Pedrógão Grande no mapa da História de Portugal com os pergaminhos que ostenta:

- uma ocupação romana a realçar;
- um papel não despiciendo na defesa do incipiente território português («vigia do Reino»), de que o «castelo de Uzbert» é prova evidente;
- lugar de passagem no decorrer da Idade Média, inclusive no quadro do caminho português de Santiago, com a albergaria correspondente, e, hoje, integrante da já mítica Estrada Nacional 2;
- a reabilitação, impossível em termos concretos, mas possível em

termos históricos, do convento dominicano de Nossa Senhora da Luz, citado por Frei Luís de Sousa, «local místico e inspirador, em íntimo contacto com a natureza e, manifestamente à beira de uma antiquíssima rota viária», anota Aires Henriques, convento decantado pelo pedroguense Miguel Leitão de Andrada (1553-1630), nos diálogos *Miscelânea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrógão Grande: aparecimento de sua imagem, fundação do seu Convento...* publicados, pela primeira vez, em 1629.

Enfim, este livro – *O Castelo de Uzbert, Vigia do Reino* –, onde Aires Henriques reuniu o que, de há uns anos a esta parte, tem sido a sua campanha em prol de uma viva reabilitação da importância histórico-cultural (e não só!) de Pedrógão Grande, vai, não tenho dúvida, constituir forte alavanca para essa reabilitação real! A merecer, por isso, a devida atenção!

*Cascais, 20 de Julho de 2023*